

## ALCEU AMOROSO LIMA E A IDÉIA DE UNIVERSIDADE\*

J. F. Regis de Moraes

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Ao longo dos seus escritos pedagógicos, Alceu Amoroso Lima reservou um espaço bastante significativo para o tema da Universidade. Desejou, visivelmente, pensar a Universidade ideal a partir de suas constatações cotidianas da precariedade da Universidade real. Porque passou grande parte da sua vida no interior de universidades — como aluno, como professor e mesmo como reitor — e também porque sempre demonstrou um especial fascínio pelo desprendimento dos jovens, acabou por dedicar páginas historicamente importantes ao estudo da realidade universitária.

Na verdade, sua temática pedagógica tem amplitude e o tema da Universidade está longe de esgotá-la, mas, pode-se dizer sem receio de exagero que, no cômputo geral da sua contribuição em campo educacional ( e sobretudo contextualizando-se cuidadosamente tal contribuição ), sobrepõe-se a sua produção dedicada ao entendimento da Universidade naquelas que o pensador considerou as suas missões fundamentais. Ainda está faltando muita coisa para se poder conhecer do que realmente tratou o Dr. Alceu, no que respeita à educação, pois, o apenas levantamento das suas entrevistas publicadas em revistas de pouca circulação ou já desaparecidas, bem como a recuperação do global dos seus discursos de formatura — como paraninfo, patrono ou reitor —, estes aspectos compõem um quadro muito mais vasto do que de imediato se possa imaginar. E tais trabalhos de levantamento e recuperação ainda não foram feitos de forma sistemática. É certo, porém, que o que há de mais definitivo permaneceu mais acessível em forma de livros e artigos ( sobretudo da revista **A Ordem** ), e destes irei servir-me para o estudo que constitui o presente texto.

Quando Tristão principiou a escrever sobre a Universidade, corriam os anos 30 e, conquanto por aquele tempo a instituição universitária apresentasse uma estruturação precária e frágil, havia menos controvérsias sobre a razão de ser e de existir das universidades. Isto quer dizer que, embora hoje tenhamos uma estruturação bem mais aperfeiçoada da instituição universitária ( e que, no entanto, ainda permanece distante da ideal ), é para nós cada vez mais difusa e indefinida a finalidade universitária, havendo em nossos dias muito menor consenso em torno do

(\*) Este texto é capítulo do livro **História e pensamento na educação brasileira**, aqui editado com prévia autorização da Editora Papirus ( Campinas. )

que possa ser o **espírito universitário**, como Alceu gostava de dizer. Como veremos mais adiante, Amoroso Lima está presente em todas as fases pelas quais passou a evolução das universidades entre nós, sendo todavia que algumas, por força das circunstâncias, viveu mais intensamente do que outras.

Tendo o pensador posto, definitivamente, o cristianismo católico como núcleo paradigmático do seu pensamento, é consequência natural que a sua idéia de Universidade seja derivada de tal núcleo. Afinal, é dessa cosmovisão que emerge toda a sua teoria pedagógica e toda a sua militância de educador. E, na medida em que o Apóstolo Paulo compara a Igreja a um organismo ( corpo ) do qual Cristo é a cabeça, uma concepção assim harmônica estende-se como modelo para toda a sociedade humana. Daí a paixão de Amoroso Lima por aquilo que chamaríamos de **organicidade social**, bem como o seu desencanto claro em relação à **mecanicidade social**. Para deixar mais claro o que estou afirmando, permitir-me-ei utilizar um exemplo retirado à Arte. Quando observamos os relevos escultóricos assírios e babilônicos, vemos ali uma representação da figura humana muito curiosa: o corpo humano é esculpido de frente e, em cima do pescoço, aparece uma cabeça esculpida de perfil. Neste corpo apresentado de modo frontal, os pés estão de perfil, bem como na cabeça que aparece perfilada, volutas de uma barba quase artificial juntam-se aos rostos, semelhando cachos de uva pendentes de fisionomias às quais não estão mais que justapostos. O sentido de movimento e vitalidade é mínimo em tais esculturas. As figuras são feitas de partes, parece até que de partes em desavença: é uma **concepção mecânica** da imagem do homem. Se confrontarmos com esses trabalhos assírios e babilônicos a escultura grega da figura humana, tudo será muito surpreendente. Basta olhar-se de forma detida para a imagem clássica do **Discóbolo** ( escultura do artista ateniense Míron, 450 a.C. ) para se sentir que aquilo é um todo vital, sem desavenças entre as partes e com impressionante sentido de movimento. As partes são harmoniosamente interdependentes. É uma **concepção orgânica** da imagem do homem.

Não sei em que medida o confronto entre dados artísticos que acabo de fazer cumprirá o objetivo de iluminar o conceito de **organicidade** como desejei ao fazê-lo. Entretanto, é preciso estar claro que toda concepção orgânica implica em interdependência e hierarquização, isto é, implica numa harmonia que nunca é a expressão do indiferenciado, mas que, para usar terminologia cara a Amoroso Lima, é a expressão da **unidade na variedade**. Para Alceu, o nascer de uma Universidade em seu espírito mais avançado está na exata superação da **coexistência** em direção da **convivência**. A "mecanicidade social" é sempre fruto das idéias e atitudes que, por seu poder de fratura, atomizam a vida e a reduzem a mera justaposição de interesses diferentes, às vezes concentrados

artificialmente num local. A Universidade precisa ter, segundo Alceu, a vida de um corpo regado em seu todo pelo mesmo sangue e regido integralmente por uma vontade que lhe é básica. Ou terá, o que acaba dando no mesmo, a vida de uma árvore que é sempre a simultânea expressão da variedade e da unidade, tão diversa na configuração dos seus elementos visíveis, tão una ao alimentar-se de seiva única e insubstituível.

Os principais escritos de Alceu Amoroso Lima sobre o tema deste artigo ( a idéia de Universidade ), percorrem dos anos 30 aos anos 80. Não são em grande quantidade, mas sem dúvida prestaram, em seu tempo de publicação, um trabalho muito importante à compreensão das coisas educacionais. Para a elaboração do presente artigo trabalharei, sobretudo, os textos sobre a realidade universitária encontráveis em: **Debates pedagógicos** (1931), **Humanismo pedagógico** (1944), **O espírito universitário** (1957, com uma segunda versão em 1959) e alguns artigos do pensador carioca, sobretudo um que foi publicado há pouco mais de um mês do seu falecimento ( 8 de julho de 1983 ) e que teve como título: "A missão universitária". Há mais escritos e pronunciamentos seus sobre o tema da Universidade, sendo que procurarei concentrar meu estudo nos que me pareceram mais relevantes, por expressivos e densos.

## **1. MOMENTOS VIVIDOS POR ALCEU NA TRAJETÓRIA DA UNIVERSIDADE BRASILEIRA**

As periodizações são sempre problemáticas, pelo risco que se corre de emprestar à história um caráter demasiado linear ou de não se ver a nebulosidade de fronteiras entre os momentos humanos. Assim como não houve um dia no qual se considerou finda a chamada Idade Antiga para que no subsequente fosse inaugurada a Idade Média, e isto em razão de que certas transformações históricas sucedem-se de forma caprichosamente lenta e fluida, da mesma forma acontece na história da universidade entre nós: não são estanques as separações entre uma fase e outra, e cada transformação se mostra envolvida pelas complexidades naturais da marcha da sociedade. No entanto, é hábito explicativo fazer-se um esforço para estabelecer periodizações que, se não logram fazer a história correr no traçado dos seus limites, conseguem pelo menos dar uma organização especial ao entendimento. Assim, o importante é termos sempre em conta que os exercícios de periodização não pretendem nem podem pretender a exatidão, mas apenas a organização plástica do material histórico, com específica finalidade que chamáramos de didática.

É, pois, considerando tais dificuldades que proporei aqui quatro fases para a trajetória da universidade brasileira: a) fase de implantação, b) fase de consolidação, c) fase de expansão e d) fase de questionamento. Cada uma dessas etapas apresenta, até onde posso ver, características próprias e a elas está ligada, de forma mais ou menos

intensa, a participação de Alceu Amoroso Lima na criação da universidade brasileira. Examinei, a seguir, a periodização que acabo de propor.

a) **Fase de implantação** – Os intelectuais da Primeira República, em sua maioria formados por universidades européias, alimentavam o sonho de ver o Brasil “civilizar-se” através da inauguração entre nós da vida acadêmica universitária. E ao encontro de tais desejos veio uma nova ordem jurídica (a republicana) “que, liberando antigos anseios federativos, propiciou iniciativas de criação de instituições de ensino superior em diversos estados”<sup>1</sup>. Em razão disto, já no princípio do presente século, começaram a surgir universidades que, embora tenham tido vida efêmera, de muito valeram enquanto experiências para as criações futuras.

Em 1909, o Estado do Amazonas criava a Universidade de Manaus, em pleno apogeu da prosperidade da borracha, pela iniciativa de um profissional liberal imigrado de Minas Gerais, o engenheiro Joaquim Eulálio Gomes da Silva Chaves. Tendo atividades já desde 1909, com o nome de Escola Universitária Livre de Manaus, só se instalou como Universidade de Manaus em 1913. Embora o plano fosse ambicioso, muito maior era o sonho do que os recursos, sendo, no entanto, os recursos ainda maiores do que a capacidade de administrá-los. Assim mesmo viveu e funcionou até 1926, ocasião em que se fragmentou em escolas separadas, não sem deixar o saldo da experiência<sup>2</sup>.

Já em 1912 era inaugurada de forma solene a primeira Universidade de São Paulo, que chegou, em 1915, a ter 700 alunos e 100 professores – números muito significativos para o tempo. Embora tenha sido também uma universidade passageira, é importante lembrar que abrigou o belo projeto da chamada Universidade Popular, com a qual desenvolveu no Brasil as primeiras atividades extensionistas. Para público aberto esta Universidade promoveu, de 1914 a 1917, conferências totalizando 107 “lições públicas”, todas com temas eruditos e no entanto desejando – creio que candidamente – atingir as classes populares. De qualquer forma, era uma iniciativa nova de abertura, no mínimo louvável pelas suas intenções e muito aplaudida pelo público culto que não tinha vida acadêmica. Esta primeira USP ensaiou métodos revolucionários de ensino, de caráter mais experimental, e também fez o bom trabalho de criticar com rigor o “ensino embolorado” das escolas superiores então existentes. Todavia, constituiu-se em mais uma experiência efêmera, não tendo vivido muito tempo após 1917<sup>3</sup>.

Como se vai vendo, procurava-se reproduzir aqui o padrão estrangeiro, mas com inteira falta de experiência e de condições infra-estruturais. Foi o que se deu também com a instalação da Universidade do Paraná ( em 19 de dezembro de 1912 ), caminhando esta em sentido um tanto diferente do ideal de “desoficialização” do ensino

superior defendido pelos positivistas e, conseqüentemente, aproximando-se bem mais dos benefcios estatais. Mas a do Paraná, à semelhança da do Amazonas e da de São Paulo, não se sustentou por muito, extinguindo-se em 1915.

Em 1920, principiava suas atividades a Universidade do Rio de Janeiro, segundo notícia histórica "inventada" de última hora para que a capital da República pudesse receber com honras acadêmicas o Rei Alberto da Bélgica e conferir-lhe o título de **Doutor honoris causa**<sup>4</sup>. Se não logrou ser uma instituição de resultados os mais brilhantes, foi no entanto o primeiro conjunto de escolas superiores que vingou com o nome de Universidade, durando por vários anos até transformar-se e ganhar outro nome: Universidade do Brasil.

Como já frisei noutra parte deste estudo, os anos 20 foram muito turbulentos do ponto de vista político-social e, em certos setores nacionais, tal inquietação chegou a toda a vida cultural. Ao autoritarismo governamental corresponderam várias insurreições, aconteceu Semana de Arte Moderna de São Paulo, foram criados o Centro Dom Vital e sua revista **A Ordem**, bem como foi constituído o Partido Comunista. Na turbulência da crise social que se seguia à Primeira Grande Guerra, o Brasil vira nascer duas universidades que desempenharam algum papel em nossa vida cultural: a do Rio de Janeiro, em 1920, e a de Minas Gerais, em 1927. De modo que, ao iniciar-se o período de Vargas, em 1930, o país tinha três instituições universitárias: as duas já mencionadas mais a Escola de Engenharia de Porto Alegre, criada em 1896 e se havendo feito num complexo de escolas que, em 1932, passou a ser chamada de Universidade Técnica do Rio Grande do Sul ( Universidade de Porto Alegre, em 1934 ).

A fase de implantação se completa, a meu ver, com a criação da segunda Universidade de São Paulo ( 1934, a USP de hoje em dia ), da Universidade Católica do Rio de Janeiro ( 1941 ), mais tarde tornada pontifícia, e da Universidade Católica de São Paulo ( 1946 ), também posteriormente pontifícia. Em 1935 surgira a Universidade do Distrito Federal — da qual Alceu Amoroso Lima foi reitor — cuja vida foi bem curta.

Quanto à segunda Universidade de São Paulo, escreve Simon Schwartzman: "Essa universidade foi criada num período de intensa mobilização da elite econômica e intelectual de São Paulo, seguindo a derrota de 1932, no conflito com o regime Vargas. São Paulo já era o centro econômico do país graças às plantações de café e como conseqüência do emergente complexo industrial. Uma nova universidade estruturada em torno de uma escola de ciências foi vista como um projeto a longo prazo que poderia devolver ao Estado uma merecida posição de liderança nacional. Ao mesmo tempo, ela forneceria os quadros intelectuais, técnicos e profissionais necessários para uma economia em

rápida ascensão”<sup>5</sup>. Seus professores vieram da Europa e dos Estados Unidos e, ao que parece, a USP cumpriu e está cumprindo bem os objetivos que de princípio lhe foram postos.

Entretanto, na opinião de Amoroso Lima a primeira Universidade que o país teve, dotada de um orgânico projeto filosófico, para além de objetivos simplesmente político-sociais, foi a Católica do Rio de Janeiro — apesar de seus reduzidos recursos, a qual foi seguida quase de perto pela Católica de São Paulo. Escreve Tristão: “Com a fundação da Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 1941, podemos então dizer que o espírito universitário, em sua mais ampla acepção teórica, começou a lançar raízes em nossa civilização. Pois uma Universidade, por sua natureza, não é apenas uma instituição de ensino superior, como outra qualquer”<sup>6</sup>.

A partir dos anos 20, Alceu participou, direta ou indiretamente, desta fase de implantação. Em 1928, após a II Conferência Nacional de Educação, foi elencado entre 18 personalidades que seriam convidadas a responder a um inquérito sobre ensino superior universitário. As perguntas dirigidas aos inqueridos eram apenas três: a) Que tipo universitário adotar no Brasil? b) Deve ser único? c) Que funções deverão caber às universidades brasileiras? Sabe-se que na época suas opiniões foram bastante consideradas. Editoriais de sua autoria e artigos foram publicados na revista **A Ordem**. De outra parte, Amoroso Lima participou ativamente da criação do Instituto Superior de Estudos Católicos — posteriormente Faculdades Católicas do Rio de Janeiro e, finalmente, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

**b) Fase de consolidação** — Em certa medida, o processo de consolidação é simultâneo ao de implantação, pois o ensaio-e-erro é expediente histórico e, com frequência, os êxitos são preparados pelos malogros. No entanto há um momento, de limites imprecisos é verdade, no qual o esforço de consolidação torna-se o que há de mais evidente. Este parece ter sido o caso de um período que abrange parte das décadas de 40 e 50, não tanto pelo aumento do número de universidades mas pela luta desenvolvida no sentido de que as de fundação e estrutura aparentemente um tanto mais sólidas definissem uma presença permanente em nosso meio cultural. Os professores estrangeiros imprimiam uma direção moderna e séria às atividades da USP, a Universidade do Brasil desenvolvia um trabalho que, embora muito criticado, mostrava bom nível de resultados; As Católicas do Rio e de São Paulo, tentas aos seus projetos de existência, procuravam realizar um trabalho cada vez melhor, aprofundando raízes como instituições formativas.

Nesta fase, as universidades atendiam quase que maciçamente às elites, entendendo mesmo ser sua missão básica a formação de elites dirigentes. As camadas médias ainda alimentavam projetos mais **artesanais**

para ascenderem socialmente. Como o explica Luiz Antônio Cunha, os moços que se iam engajando no mundo do trabalho usavam pequenos capitais familiares para abrir um negócio modesto (pequena loja, fabriqueta ou escritório de representação) e trabalhavam duro para que o capital investido fosse reproduzindo-se até o crescimento sensível dos recursos. Os lucros eram reinvestidos na ampliação do pequeno negócio até que este ficasse grande e fizesse seu proprietário projetar-se para as classes dominantes<sup>7</sup>. Como se pode ver, coisa de muita paciência e anterior ao processo de monopolização econômico-industrial.

Por esse tempo, moços ou moças pobres no sentido rigoroso do termo, constituíam-se em exceções no interior das universidades. E aí parece residir a fragilidade mais evidente da **fase de consolidação**, pois, em um país pobre e culturalmente precário, as universidades como que fizeram para si uma fórmula muito problemática:

**CONSOLIDAÇÃO = APRIMORAMENTO = SOFISTICAÇÃO.**

E sofisticação ao modo europeu e ao modo norte-americano, aceitando — pela já célebre importação de modelos — uma dependência cultural da qual até hoje não nos conseguimos livrar. Amoroso Lima, embora não me pareça ter mostrado maior percepção para este equívoco (pelo menos no momento em que estava sendo praticado), teve importante papel — como polemista e teórico — nesta fase de consolidação da presença universitária em nosso meio. Necessário lembrar os textos sobre o tema universitário que voltam a circular, e portanto a influir, com a publicação do livro de Alceu intitulado **Humanismo pedagógico** (1944); principalmente os artigos: “Espírito universitário”, que nos anos 50 seria desenvolvido em livro com significativos aperfeiçoamentos, “Num pórtico de universidade”, a mais audaciosa defesa da elitização seletiva, que não considero momento dos mais felizes do pensador, e “Universidade e civilização”<sup>8</sup>. Nesse último escrito Alceu procura traçar as grandes linhas em que se devia consolidar a prática universitária no Brasil, pois é a oração inaugural dos cursos da Universidade do Distrito Federal, de 1938.

Tenho para mim que mesmo o livro **O espírito universitário**, de repercussão inequívoca, publicado em 1959, teve o intento de oferecer subsídios de orientação para que se pudesse consolidar a universidade em nosso país, dentro das exigências de um projeto filosófico que emprestasse integridade ao sentido da vida acadêmica. Todavia, em momento adequado voltarei a tratar dos mencionados textos. Por agora basta que fique clara a boa participação de Alceu nos esforços de consolidação da instituição universitária entre nós.

c) **Fase de expansão** — Comentando a importância dos escolanovistas na era de Vargas, Luiz Antônio Cunha anota: “um liberalismo elitista, conforme os interesses sociais e pedagógicos das

oligarquias, começou a ceder lugar, a partir de 1932, a um liberalismo igualitarista, convergente com os interesses das classes trabalhadoras e das camadas médias”<sup>9</sup>. Ora, é óbvio que tal não acontecia por obra do acaso, mas em razão do início do processo de industrialização/urbanização do país, que dava então densidade aos movimentos operários e provocava a emergência das camadas médias. Com o aperfeiçoamento da produção capitalista e as conseqüentes mudanças por esta operadas no quadro social, a tendência apontada por Cunha haveria de evoluir para que, já no final dos anos 40 e início dos 50 se desse o conhecido “deslocamento dos canais de ascensão social”, de que o citado autor trata tão bem. Isto consistiu no seguinte: com o processo de monopolização, tornam-se cada vez mais difíceis os canais “empresariais” de ascensão (pequena iniciativa particular); “Ficando mais difícil acumular o capital necessário ao ingresso nas classes dominantes, passou-se a definir o topo das burocracias públicas e privadas como o limite da ascensão”<sup>10</sup>. Como se vê, a classe média era levada a redefinir o seu modelo de sucesso, tanto que o número de operários das indústrias de São Paulo e Santo André cresceu, de 1944 a 1954, de 50%, enquanto que o número de pessoal tecno-burocrata aumentou, no mesmo período, de 200%<sup>11</sup>.

Ora, a carreira burocrática exigia escolarização. E se tal escolarização fosse de nível superior, tanto melhor para o empregado desejoso de ascensão. As exigências para as **promoções** às vezes eram maiores que as exigências para a **admissão**, e assim as instituições de ensino superior passaram a receber uma intensa procura. Se em 1930 contávamos com 3 universidades, em 1964 já tínhamos 40 delas, num processo quase inconcebível de multiplicação dessas instituições. O ensino secundário havia passado por reformas que visaram minimizar os obstáculos à chegada às escolas superiores, e todo canto do país — ainda o mais remoto — reclamou para si uma universidade, coisa capaz de dar prestígio à região ou cidade e, ao mesmo tempo, oferecer empregos exatamente de natureza burocrática. Eis porque Amoroso Lima mais uma vez veio a público, com o mencionado ensaio **O espírito universitário**, para, sem propriamente se opor aos projetos de crescimento e modernização nacionais, advertir que universidades não são inventadas de uma hora para outra, em sua estrutura e em seu espírito de organicidade<sup>12</sup>. Como é sabido, por mais de uma vez Alceu se pronunciou, como membro do Conselho Federal de Educação, acerca da preocupação que sentia ante tal proliferação de universidades — a maior parte delas sem um ideário e sem um projeto. Disse-me pessoalmente o pensador carioca que o impasse não era fácil, pois era inevitável crescer e expandir, sendo ao mesmo tempo tão perigoso fazê-lo.

Da fase de consolidação à fase de expansão os equívocos se multiplicaram, levando a universidade inevitavelmente às crises

contemporâneas — iniciadas por volta de 1968 — que configuram o que vamos chamar aqui de **fase de questionamento**.

d) **Fase de questionamento** — Com a politização decorrente de muitos fatores, principalmente com a percepção de que o sistema escolar constituía-se numa forma de reprodução das relações autoritárias de dominação, a universidade é posta em questão e principia, por assim dizer, uma fase de desencanto para os estudantes e professores mais preocupados. Por outra parte, o prolongamento dos estudos em escolas superiores acentuava a dependência do jovem à família ( como o faz até hoje ) e impedia-o de realizar projetos de felicidade mais a curto prazo, sendo que a percepção desses fatores cada vez mais mostrava ao jovem um certo “complô” contra a sua juventude, de vez que, na prática, nem sempre o êxito prometido pelos diplomas se cumpria. A universidade é posta sob duplo questionamento: de ordem **existencial** e de ordem mais especificamente **política**, ocasionando as chamadas rebeliões estudantis dos anos 60.

Alceu aposentara-se aos 70 anos, em 1963. Embora em sentido lato não se tivesse desligado de preocupações com a vida universitária, desligara-se em sentido estrito. Afinal, a partir de 1964 vira-se chamado a frentes de combate mais amplas e prementes. E ele dá generosamente sua energia de velho e seu tempo precioso a essas lutas. Por esta razão, seu engajamento na **fase de questionamento** da universidade foi pouco. Seria desdobrar-se demasiado, desconcentrar-se do corpo-a-corpo que aceitara travar com o militarismo e seu regime de desmandos. De qualquer forma, a crônica “A missão universitária”, publicada por Tristão um mês antes de sua morte na **Folha de São Paulo** permite-nos ver claro que aos seus quase 90 anos prosseguia evoluindo em seu pensamento e procurando avançar posições, preocupado sempre com a referida missão. Adiante voltarei a tratar deste escrito — um dos seus últimos.

O próprio Dr. Alceu fazia questão de lembrar, porém, que em toda a sua participação na trajetória da instituição universitária entre nós, a mais apaixonada e gratificadora, a que lhe deixou amigos ganhos ao longo de décadas e que em sua maioria lhe permaneceram tão fiéis, esta foi a sua contribuição como educador, como o Professor afeiçoado a essa coisa mágica e confortante que é o encontro humano. Carlos Drummond de Andrade, no poema “Alceu na safira dos oitent’anos”, capta isto pondo em verso um dito do próprio Tristão:

“Sou um terrível  
 ( guardo tua palavra de há 40 anos )  
 pesquisador de almas.  
 Amo as almas como o avarento  
 ama as suas moedas.  
 Ainda não cheguei à caridade

de amá-las por amor, só por amor,  
amo-as por avidez do mistério,  
insatisfação do que já sei,  
do que já vi e desfolhei”<sup>13</sup>.

A mim o Dr. Alceu mostrou sempre certa desconfiança quanto à importância do seu pensamento pedagógico. Muito vinha de sua natural humildade. Mas na verdade, ele nunca se considerou um pedagogo ou filósofo da educação. Em nosso penúltimo encontro (1975) deixou claro que fizera uma escolha: entre o pensamento sistemático que, embora mais mercedosamente permaneça, nem sempre transforma, e a militância objetiva que passa mas quase sempre transforma, optara pela segunda. “Quanto aos frutos de minha escolha, nada sei. Alguém um dia saberá e dirá com sinceridade se existiram ou não”, disse-me o velho pensador com despreocupado sorriso.

## 2. A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE UNIVERSIDADE NO PENSAMENTO DE AMOROSO LIMA

O ponto de partida do pensamento de Alceu sobre a universidade é a teorização do Cardeal Newman<sup>14</sup>. À concepção newmaniana de universidade veremos que Amoroso Lima guarda certa fidelidade básica ao longo de sua vida, não sem efetuar as adaptações aos novos tempos e avançar naturalmente para além das colocações do teórico inglês. Por esta razão, entendo que devo deter-me um pouco a explicitar as colocações de Newman. A partir delas compreender-se-á melhor Alceu.

No século XIX (1851), o Cardeal Newman praticamente retomou o ideal medievo de universidade, quando de sua tentativa de criar uma Universidade Católica em Dublin, Irlanda. Retomou tal ideal quase que numa contestação à mudança de valores sociais que vinha sendo operada pela revolução industrial, diferentemente de Humboldt que, antes de Newman, criara a Universidade de Berlim (1810) em moldes novos e consoantes com tais transformações de valores. Diz-se que Humboldt é quase que o criador da universidade contemporânea, interessada no ensino e na pesquisa, enquanto que Newman procura recuperar ideais católicos bem anteriores à própria Revolução Francesa e defasados em confronto com a marcha da industrialização. A diferença aí é também a existente entre o cientista e o filósofo, no contexto do século passado. Humboldt era o cientista típico. Newman o típico filósofo, marcado pelos encantamentos da concepção grega clássica de *academia*.

Em um olhar panorâmico sobre a obra do Cardeal Newman, distinguimos sem dificuldade alguns elementos que, para ele, eram caracterizadores da instituição universitária. Creio que poderíamos relacioná-los objetivamente e comentá-los da seguinte maneira:

a) **Universalidade** — elemento a respeito do qual é conveniente deixar que fale o próprio Newman: “Se me pedissem uma descrição breve e popular do que seja uma Universidade, derivaria a minha resposta da antiga designação, a de **Studium Generale**, ou ‘Escola de Conhecimentos Universais’. Esta descrição supõe a reunião de estrangeiros de todas as procedências em um lugar; — de **todas as procedências**, do contrário como se encontrariam professores e estudantes para todos os departamentos do saber? e **num lugar**, senão, como poderia haver realmente uma escola? Consoantemente, em sua forma simples e rudimentar, é uma escola de toda sorte de saber, contando com professores e mestres de todos os quadrantes”<sup>15</sup>. Ao modo simples do filósofo inglês, ficam os traços de uma instituição que se deveria caracterizar pelo conagraçamento dos povos e dos seus saberes, fazendo circular conhecimentos úteis a todos e que não podem ser encontrados em toda parte. Todos os saberes, para todos os povos, talvez fosse o lema de universalidade em Newman. Em razão disto, do ponto de vista do teórico em foco, o **conhecimento geral** ( cultura geral ) é o principal na finalidade universitária.

b) **Comunicação humana convivente** — é elemento que mereceu grande preocupação por parte do Cardeal. Newman reconhece a enorme importância da imprensa e dos livros no mundo moderno, mas argumenta que o que se aprende no **contato humano** supera em muito os resultados da letra escrita. Diz: “Eis pois o que podemos afirmar, se de qualquer modo as ações dos homens são prova de suas convicções, — que o campo e o inestimável serviço da **littera scripta**, é o de ser o arquivo da verdade, uma autoridade a que se apelar, e um instrumento de ensino nas mãos de um professor; mas que se queremos ser exatos e nos tornar plenamente equipados em qualquer ramo do conhecimento que seja variado e difícil, temos que consultar o homem vivo e ouvir a sua viva voz”<sup>16</sup>.

A fecundidade do encontro humano é algo que está muito presente na idéia de universidade de Newman. Mais do que coexistir, é necessário que homens diferentes e saberes diversos cheguem a conviver. Por isto é que o filósofo adverte: “Os princípios gerais de qualquer matéria podem ser estudados em casa num livro; mas o pormenor, a cor, o tom, o ar, a vida que a fazem viver em nós, temos que captar tudo isto daqueles em que já está vivendo”. E mais adiante: “Doses podem ir daqui aos confins da terra levadas por livros; mas a plenitude está só num lugar”<sup>17</sup>.

c) **Celebração do conhecimento e da sabedoria** — Assim como o rito religioso supõe a reunião e comunhão de pessoas num lugar determinado, a universidade deve ser o centro espacial da celebração do conhecimento e da sabedoria. O rito, sendo expressão é necessariamente transmissão, sendo — antes ainda — a criação de um “clima” adequado a um evento. Os professores, em sua “ação completa e sedutora”<sup>18</sup>, e os

alunos, vindos de longe em busca do conhecimento, constituirão a celebração do mais elevado projeto da humanidade: a sabedoria<sup>19</sup>. Eis uma visão que se afigura a nós do século XX, tão precária de ideais e tão rica de desencantos, algo como a candura perdida e recendente a alienação. É preciso, contudo, sabermos não exigir de um pensador mais do que o seu tempo lhe permitiu pensar.

d) **Autonomia** – Newman esboça o conceito de autonomia universitária, embora não o deixe ainda objetivamente esclarecido. Diz, porém, que “agora” (na fundação da Universidade Católica de Dublin) estava-se livre de **protetores**, de vez que estes normalmente cobram muito, cerceando às vezes o vôo livre do saber<sup>20</sup>. E essa pretendida autonomia é vivida hoje por nós na forma do pior dos conflitos: autonomia política teoricamente definida e aceita, sob esmagadora dependência econômica que inevitavelmente compromete o saber.

Se quisermos sintetizar, diremos que em Newman a concepção de universidade está voltada: 1. Para o **ensino**, como forma de transmissão do conhecimento por ele privilegiada; 2. Para a fecundidade do encontro humano; 3. Para a consecução da **unidade na pluralidade**, centrando a variedade dos que-fazeres universitários em um princípio filosófico-religioso indispensável na “organização” da experiência; 4) Para a luta por autonomia. E o Cardeal Newman lembra sua solidão a braços com a tarefa que lhe coube, de investigar os caminhos que a universidade devia trilhar, dizendo: “Felizes aqueles que se ocupam de questões do pensamento tão familiarmente tratadas e exploradas, que por todas as partes podem ver as pegadas, os caminhos, os marcos e os rastros de outros viajantes que os precederam, e assim não podem equivocar-se; mas, pelo que me diz respeito, senti-me um navegador solitário em um mar desconhecido, que tendo perdido de vista a terra firme, vê-se surpreendido pela noite e resta-lhe confiar nas regras e instrumentos de sua ciência para chegar a um bom porto<sup>21</sup>”.

Para um navegador solitário, e no contexto dos ideais católicos do século XIX, Newman foi até muito longe, ao que me parece. Este filósofo, de estilo nobre e idéias límpidas, acabou por cativar definitivamente Alceu Amoroso Lima. Desde que começou a escrever sobre a temática universitária, ainda nos anos 20, Tristão cita sistematicamente o Cardeal, o que faz até os seus últimos escritos sobre o mesmo tema. Na verdade, para os católicos Newman lançou os alicerces e estruturou o edifício, cumprindo aos pósteros dar-lhe paredes, janelas e portas – dar-lhe o acabamento que o tempo ensinaria.

Em 28, Alceu toma idéias ao Cardeal Newman para construir o seu parecer no já mencionado “inquérito” sobre o ensino universitário; e volta, em 1931, a beneficiar-se dos pontos de vista do filósofo inglês ao redigir um artigo importante para as lutas católicas na era de Vargas:

“Conceito de Universidade”. Principiava Tristão a trazer ao grande público suas idéias que, na época, representavam também o pensamento de todos os engajados no movimento chamado de “renascimento católico”. No referido artigo, Amoroso Lima, comentando um discurso pronunciado pelo Ministro da Educação, Sr. Francisco Campos, comporta-se consoantemente às idéias-mestras de seu livro de 1931, **Problema da burguesia**. Critica a concepção burguesa de universidade, a seu ver caracterizada pela reunião inorgânica de faculdades, pela concepção causal e anti-finalista de universidade – alimentada por um claro imanentismo pedagógico que concebia a base universitária formada pelas ciências experimentais ou sociais, e não pelas “ciências” filosóficas e religiosas<sup>22</sup>. Fazendo fogo contra as heranças da Revolução Francesa, critica o que chama de racionalismo universitário ( no sentido da primazia da “deusa razão” sobre a força geradora e estruturadora da fé ) com todas as suas conseqüências<sup>23</sup>. Destas crícticas Alceu faz derivar ponderações que alertam contra o que chama de “secularização universitária”<sup>24</sup> que, em seu modo de ver daquele tempo, acabava sendo a negação mesma da estruturação e da solidariedade espiritual que haviam mostrado as universidades medievais, geridas pela Igreja. Para tanto, fundamenta-se no próprio Newman que tem ponto de vista segundo o qual a Igreja precisa de universidades mas qualquer universidade, para manter-se tal, exige a ingerência da Igreja como elemento inspirador e organizador da vida universitária. Por outro lado, considerando-se o escrito de Alceu no contexto histórico do “renascimento católico” marcado pelo espírito de um Jackson de Figueiredo, fica fácil entendermos tão comprometidos posicionamentos. Além do que, o exemplo de secularismo da Universidade do Rio de Janeiro ( 1920 ) em nada podia agradar aos meios católicos, tanto quanto não agradou aos nossos primeiros pedagogos profissionais, como Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e outros – estes até alheios a posições religiosas.

Com respeito à “secularização universitária” e sua quase que rejeição da metafísica e da teologia, Alceu volta a citar o Cardeal Newman: “a verdade religiosa não é apenas uma parte, mas uma pressuposição da verdade integral. Eliminá-la não é menos que rasgar a trama do ensino universitário. Será, segundo o provérbio grego, eliminar a primavera do ano”<sup>25</sup>. Vê-se que Tristão entra nas discussões sobre os caminhos da universidade por suas razões religiosas de neo-converso, a princípio. Difícil, em uma hora de desapontamentos como a que vivemos, posicionar-nos para compreender os pontos de vista de Amoroso Lima, que dizem respeito a uma outra época – não de ocaso e angústia como a nossa, mas de “renascimento” entusiástico. E já naquele tempo o pensador idealiza uma universidade orgânica, e que se faz orgânica – segundo ele – pela seiva que a atravessa toda e a mantém viva, que é a espiritualidade.

Como já ficou fartamente apontado, esse livro (**Debates pedagógicos**) inscreve-se na chamada fase autoritária do pensamento de Tristão e, sendo, nele encontramos textos para o nosso tempo chocantes, como aquele que preenche toda a página 26, no qual, já decepcionado com o Ministro Campos, acusa-o de dar primazia à Economia Política na estruturação do currículo de Direito, com expressões como: “É o triunfo de Karl Marx!” ou “Nós começamos bem. As expressões do Sr. Ministro da Educação poderiam ser subscritas por qualquer marxista”. Ou ainda: “E ainda se diz que é preciso combater o comunismo!” São textos dignos de um Maurras ou de um Corção da última fase, que chegam a desapontar o leitor de hoje, caso ele não tenha facilidade para o exercício de contextualização histórica.

À medida que lemos os primeiros artigos de Alceu sobre universidade, encontramos sua irritação ante o culto do **moderno pelo moderno**, de um moderno que não se critica porque põe a modernidade como um fim em si mesma. Como esta não era a posição dos católicos daquele período, Tristão lembra: “nada mais desastroso para o amor da verdade do que a obsessão do moderno. A serenidade que nós católicos possuímos, em face dos homens de ciência modernos, dos poetas modernos, dos revolucionários sociais modernos, ou dos moralistas modernos, é que contemplamos e participamos das lutas no tempo, sabendo perfeitamente que o tempo, em si, nada nos tira e nada nos dá e que a Verdade transcende infinitamente esse ‘tempo’ que ela própria criou”<sup>26</sup>.

Todavia, esses escritos sobre a universidade que encontramos nas páginas de **Debates pedagógicos** são muito incipientes; neles, Alceu desperta para o problema, pouco mais do que isto. Algum aprofundamento na questão é esboçado no artigo “Instituto Católico de Estudos Superiores”, quando da criação desta entidade no Rio de Janeiro<sup>27</sup>. Mas o tratamento do assunto ainda era mais religioso do que pedagógico. Tomando uma citação de Whitehead, segundo a qual a religião em nosso século se colocara **na defensiva** com seus pensadores normalmente despreparados, Tristão diz ter chegado a hora de acabar com a “undignified retreat” (retirada inglória) de quase sempre, criando-se no Brasil um Instituto que deveria preparar a linha avançada do pensamento católico<sup>28</sup>. Era 1932, e Amoroso Lima dizia ter chegado o momento de tomar posição firme ante a avalanche dos equívocos modernos, entre os quais naturalmente colocava o **materialismo**, o **protestantismo** e a **ortodoxia cismática**. É um texto que prega o adestramento dos pensadores religiosos contemporâneos para o enfrentamento com o modernismo, mas não prega qualquer adequação de tais pensadores aos novos valores do tempo. De qualquer forma, há aí reflexões eruditas e interessantes, e o Instituto Católico de Estudos Superiores é anunciado como semente provável de um sonho maior: a criação da Universidade Católica

Brasileira<sup>29</sup>. Como se sabe, sonho concretizado 9 anos mais tarde e que teve papel de relevo em nosso cenário cultural.

A partir de 1935, Amoroso Lima volta a publicar sobre o tema universitário. No mais das vezes são textos polêmicos nos quais contesta posições de outros educadores, sobretudo as que lhe parecem anti-católicas, materialistas, pragmáticas ou ecléticas<sup>30</sup>. Em 1938, ao tomar posse do cargo de Reitor da Universidade do Distrito Federal, Alceu pronuncia um discurso — mais tarde publicado em **Humanismo pedagógico** (1944) — que para mim se constitui num texto muito problemático. Por mais que o contexto historicamente, soa-me ainda assim como um momento pouco feliz da oratória amorosiana. Nunca pela sua construção enquanto estilo, mas pelo tom inamovivelmente elitista do Reitor. Em “Num pórtico de Universidade” — que foi o título dado ao mencionado discurso — o pensador diz que, no mundo de então, a Inteligência estava em perigo, menos por descuido que por um excesso de zelo que acabava por distorcer os seus caminhos. Assim, competia às universidades **disciplinarem** a Inteligência, realizando, “como tanto gostam de dizer os pensadores alemães, a passagem do Caos ao Cosmos”<sup>31</sup>. E quando Alceu principia a delinear sua compreensão do modo de ultrapassar essa fase de confusão e desordem da inteligência para uma fase de **ordem**, fica fácil sentir em suas palavras certo “namoro” ainda recente com os princípios fascistas e certa admiração por chefes políticos autoritários, como aparece noutro discurso do mesmo ano, através de rasgado elogio à visão de estadista e educador do Professor Oliveira Salazar, “a quem deve a nossa civilização luso-brasileira uma gratidão imorredoura”<sup>32</sup>.

Em “Num pórtico de Universidade” Amoroso Lima argumenta, de forma historicamente verdadeira, que a universidade é filha da aristocracia, acrescentando que já era tempo de tirar do ostracismo o espírito aristocrático, mostrando sua **atualidade** e sua **necessidade**. Diz: “Dia a dia se mostram as massas mais incapazes de trazer ao mundo a paz e a prosperidade; a que ele tanto aspira”<sup>33</sup>. E ao dizê-lo, lembra a grande onda demagógica do liberalismo democrático do século XIX que “veio precipitar-se, em cheio e com estrondo, sobre os nossos frágeis ombros”<sup>34</sup>. Vejo aí, se analiso com justeza, um discurso de tom elitista que se vinha chocar contra os movimentos político-sociais que, desde os anos 20, davam presença e força às classes trabalhadoras na arena política e faziam emergir as classes médias que começavam a buscar o seu lugar no horizonte político e a sua palavra na reivindicação dos direitos humanos. Avança o Dr. Alceu afirmando que o **espírito de seleção** é o próprio **espírito aristocrático**. Seleção política, contra os totalitarismos; seleção econômica, por uma certa aristocracia do trabalho que não contesta o corporativismo como sistema ideal; seleção filosófica, pelo renascimento da metafísica contra o positivismo fossilizado; seleção da fé, pelo

renascimento religioso que precisava conquistar o século XX e, finalmente, seleção das inteligências, pois, se o “século XIX foi o século da alfabetização das massas”, o século XX deveria ser o da seleção cultural das elites, proletárias, culturais e morais<sup>35</sup>. Imagino que devemos entender esta última expressão do pensador considerando **elites proletárias** aquelas que, à época, não discordavam do ideal corporativista neutralizador — segundo se pensava — das lutas de classe; **elites culturais** as que se afinavam com uma filosofia da cultura de fundo essencialmente religioso como a defendida pelo “renascimento católico”, e **elites morais** as que não encontravam dificuldades em se amoldar aos princípios éticos da chamada Doutrina Social da Igreja.

E Tristão de Athayde acrescenta que: “A obra das Universidades, portanto, no campo da cultura nacional, ou será uma obra de disciplina e de seleção, ou pelo contrário, um trabalho de anarquia e destruição”<sup>36</sup>. Com certeza, um discurso como esse era cabível nos anos 30, de vez que a análise sociológica da dominação era um capítulo pouco mais que esboçado entre nós e os desencantos trazidos pelos desmandos fascistas ainda não haviam ocorrido. Mas com a mesma certeza um discurso como esse é de difícil compreensão em nosso tempo. Resta-nos a alegria de verificar, em escritos posteriores, como o pensador carioca soube caminhar daí para as posições de defesa do engajamento político-social das universidades nas lutas contra as formas de opressão, bem como na defesa do rompimento e da destruição das fronteiras entre massas e elites. De qualquer forma, em “Num pórtico de Universidade” não me parece ter sido, o Dr. Alceu, tão generoso como de costume. Eis porque considero este um texto problemático, talvez mais problemático no confronto com os dias de hoje.

Antes ( 1935 ), Amoroso Lima publicara um artigo intitulado “Espírito universitário” que, conquanto na linha do tempo concebesse o ensino superior como um processo natural de elitização, já trazia — sob visível influência de Newman — algumas características que as universidades precisavam ter: universalidade, plenitude, autonomia, ideal ou finalidade. Neste artigo, Alceu pondera: “O que distingue a Universidade dos demais grupos sociais é ser um corpo de estudos, de caráter superior, dedicado à pesquisa da verdade e à preparação mais alta das elites de uma nacionalidade. Obra de seleção humana e de investigação científica, vem a Universidade completar a formação intelectual daqueles que a ela conseguiram chegar, com uma finalidade que a excede”<sup>37</sup>. Falando dos elementos que devem caracterizar a universidade, Alceu aponta a **plenitude** como traço fundamental do espírito universitário. Fala em várias plenitudes: **plenitude territorial**, que é a localização geograficamente concentrada das diferentes atividades; **plenitude cultural**, que estabeleça e mantenha onexo profundo entre as várias atividades e

cursos; **plenitude social**, visando o intercâmbio e a comunhão das inteligências e dos espíritos (entre professores e alunos), e **plenitude moral**, que empresta uma definida fisionomia ética à comunidade.

Depois o pensador aponta a **autonomia**, uma liberdade de ação que, embora relativa sempre, constitui-se na garantia de manutenção da "personalidade" da instituição. Finalmente pondera que as universidades não permanecem como tais se desdotadas de um ideal ou finalidade mais alta. E escreve: "(o ideal universitário) deve ser a formação das elites dirigentes de um determinado povo, tanto na ordem social, como na ordem cultural e na ordem moral"<sup>38</sup>. Para cumprir uma tal finalidade com equilíbrio e eficiência, de nada adianta apelar ao liberalismo universitário nem ao socialismo universitário; ambos já se mostraram incapazes dessa obra. Quem pode realizá-la é uma Universidade Católica "que, como indica o seu nome, é **universal** nos seus estudos (**studium generale**, dos medievais, seus criadores por iniciativa da Igreja) mas coordenada em suas **finalidades**"<sup>39</sup>.

Os comentados até aqui são textos dos anos 30, correspondentes portanto, como já frisamos bem, ao período mais autoritário do pensamento do Dr. Alceu. Passarei a apresentar escritos do pensador, dos anos 50 e 80, a fim de que possamos ver como, mantendo um núcleo essencial de idéias, seu pensamento evolui adaptando-se às inevitáveis transformações histórico-sociais. Suas idéias ganham maior segurança e nitidez, sua visão da realidade universitária fica mais abrangente e flexível, sem que no entanto modifique muito o que há de mais central em seu pensamento.

Em 1957 o público tomava primeiro contato com o ensaio **O espírito universitário**, que ainda vinha marcado por Newman mas agora enriquecido pela boa influência exercida sobre Alceu pelas idéias do Padre Dominique Salman, que publicara **La place de la philosophie dans l'Université idéal**<sup>40</sup>, em 1954 na Universidade de Montreal. Neste pequeno livro, o Padre Salman insere um capítulo sobre "a missão educativa da universidade", no qual procura achar o ponto de convergência entre tradição e invenção, ensino e pesquisa, generalização e especialização. Veremos, ao longo destas páginas, como foi bom o encontro das idéias de Tristão com as de Salman, quase às vésperas de Amoroso Lima redigir o ensaio que agora passo a focalizar.

**O espírito universitário** é, sem dúvida, a reflexão mais aprofundada do pensador carioca sobre a universidade. Neste texto, Alceu retoma as grandes linhas do "humanismo integral" procurando colocá-las a serviço dos delicados momentos de consolidação e expansão por que passa a instituição universitária em nosso meio. Reconhece, de início, que embora tivéssemos várias universidades ainda não contávamos com o espírito universitário, com suas implicações de organicidade e

solidariedade. É seu ponto de vista central o de que à universidade caberia a formação do **homem completo**. “Essa função humanista é a própria razão de ser das Universidades e o motivo de sua importância num sistema de solução social e intelectual para a crise do mundo moderno, tendo como centro a ‘eminente dignidade da pessoa humana’ e como norma o humanismo teocêntrico”<sup>41</sup>. É bom lembrar que em vários dos seus escritos, dos mais antigos aos atuais, Alceu procurou sempre defender a opinião de que o teocentrismo não é coisa do passado medieval, mas a única perspectiva possível para o cristão de qualquer tempo. Preocupou-o sempre muito o **antropocentrismo**. Tanto que afirma, no texto em questão: “O homem completo é a própria negação do homem como ‘medida de todas as coisas’, de Protágoras, do homem-deus, do super-homem, que a falsa cultura do passado ou do presente julga ser a maior de suas criações. Na realidade o que esse homem antropocêntrico chega a ser é apenas uma criatura privada de humanidade e de liberdade, dócil instrumento de instituições por ele próprio hipertrofiadas — o Partido ou o Estado”<sup>42</sup>. Muitas vezes o pensador deixa claro que o cristianismo supõe uma visão de mundo e uma concepção da história específica, que só podem ter no centro de seu significado o Deus Criador; pois, de outra forma, desmorona-se o ideal cristão e a finalidade das suas instituições — entre as quais Dr. Alceu situou, até o fim de sua vida, a universidade. Como se vai ver, a espiritualidade é elemento indispensável, segundo Amoroso Lima, a que uma universidade não degenera em uma fragmentada agência de diplomas. E ainda que este não seja, segundo muitos, um modo “moderno” de pensar a universidade, Alceu seguia pensando-o despreocupadamente. Sempre disposto a considerar as transformações sociais, mantinha no entanto certos pontos de vista inegociáveis com mudanças históricas, diríamos que pontos de vista atemporais.

O pensador entendia serem basilares à instituição universitária os elementos de **unidade**, **comunidade** e **universalidade** e aqui vemos-lo novamente reportando-se a algumas das mais famosas reflexões do Cardeal Newman.

Quanto à **unidade**, Alceu escreve: “A verdadeira unidade universitária consiste no agrupamento orgânico dos estudos, segundo uma harmoniosa escala de valores. É um princípio geral de excelência, baseada sobre a natureza das coisas, classificando os graus de conhecimento segundo uma ordem ascendente, na medida do alargamento do seu conteúdo material e espiritual, mas tendo sempre como norma fundamental a busca da verdade”. E completa adiante afirmando que ali onde se **duvida da verdade** ou se **nega a sua existência**, ali morre o espírito universitário e instalam-se as ditaduras pedagógicas<sup>43</sup>.

Com relação ao conceito de **comunidade**, o pensador é simples e direto: “A vida universitária não é mera coexistência e muito menos

simples paralelismo de escolas, professores e estudantes. Deve ter uma existência orgânica. Deve ser uma comunidade de estudantes e professores, de ciência, de filosofia, de tecnologia e de belas-artes”<sup>44</sup>. Dirão alguns teóricos de agora que neste conceito não há nada de novo. Mas tais ponderações foram feitas em 1957, quando o que mais preocupava Alceu era exatamente o **velho descumprido**. Pessoalmente, sempre leio nas entrelinhas dos escritos de Amoroso Lima algo que enunciaria assim: “enquanto não logramos o elementar, as sofisticacões restarão ridículas”.

Quanto à noção de **universalidade**, tomada explicitamente a Newman<sup>45</sup>, a esta Amoroso Lima concede um espaço maior em seu ensaio, pois ela convoca imediatamente a discussão que envolve o binômio **cultura geral/especialização**. Entende, o pensador, que “a Universidade deve procurar, acima de tudo, alargar os espíritos, abrir janelas, estabelecer contatos com o mundo exterior e com outras culturas, afastadas no tempo e no espaço;” (...) “...deve ela evitar toda compartimentação da inteligência que leva sempre ao endurecimento do coração”<sup>46</sup>. Eis como Alceu fundamenta a noção de universalidade sobre a questão do confronto entre **cultura geral** e **especialização**. Para ele estas realidades são inteiramente complementares, sendo que, em uma última instância da finalidade universitária, a especialização deve subordinar-se à cultura geral. Considera: “A Universidade tem por finalidade suprema investigar e transmitir a **Cultura Geral**. Seus institutos parciais é que se dedicam, então, às investigações em profundidade nos setores especializados. Pois a força do geral é estar implantado no especial. Como a força deste é não se desligar do geral”. E ainda, no mesmo trecho: “ao passo que a especialização é uma **condição** essencial para a vida universitária, a generalização é a **própria essência** da Universidade, cuja finalidade é dar corpo e vida ao conhecimento, desde as raízes até à fronde”<sup>47</sup>.

Quando Tristão publicava essas idéias, tomava corpo entre nós um feroso **culto acrítico da especialização**, e o pensador, com a coragem habitual, toma posição contra isso. Procura o equilíbrio, ao advertir: “Se a especialização, entretanto, predominar de modo exagerado, desaparece o próprio espírito universitário. Se a generalização, pelo contrário, se confundir com superficialidade, como tantas vezes acontece, estamos em face de um erro igual e contrário”<sup>48</sup>. Alceu valoriza maximamente a investigação e a transmissão da cultura geral, considerando-a: a) a essência da educação universitária por afastar o homem do “antropocentrismo” e ao mesmo tempo da “diluição coletivista”; b) aquela que livra o homem de se deixar escravizar pelos mitos do seu tempo, pelo egocentrismo ou pelos absolutismos autoritários — tudo isto à medida que promove um confronto de distintas realidades culturais; c) considerando a cultura geral capaz de dar ao homem a consciência de suas três dimensões: no sentido de si mesmo, no sentido do semelhante e no sentido de Deus<sup>49</sup>. Assim, a

cultura geral é vista como um dos importantes elementos que emprestam unidade, organicidade à vida universitária. Ficando bem claro que isto em nenhum caso deve excluir do fazer universitário a criatividade, a pesquisa científica, a descoberta. Por essa altura Tristão já realizara em si, com a ajuda de Teilhard de Chardin, a conciliação entre ciência e fé.

De modo que, enquanto Maritain, já nos anos 50, mantinha uma posição excessivamente conservadora quanto aos fins da universidade, Alceu avançava bem em relação ao seu mestre. Escreveu Maritain: "Conforme a natureza das coisas o objeto das Universidades é ensinar a juventude e não produzir livros, artigos e contribuições numerosas, nem fazer descobertas científicas, filosóficas ou artísticas"<sup>50</sup>. Para o filósofo francês todas essas funções investigadoras e criativas deveriam estar a cargo de Institutos especializados em pesquisas. Isto é mais do que retomar Newman, é radicalizá-lo. Amoroso Lima não se mantinha nessa linha de idéias, primeiro por uma abertura pessoal à observação dos novos caminhos da atividade universitária, e segundo — como já anotamos — em razão de um fecundo encontro com as idéias do Padre Dominique Salman. Este aponta as seguintes funções da universidade: 1) função de transmissão da cultura e difusão do saber; 2) de acrescentar, aos tesouros do passado, as descobertas do presente. Escreve Salman: "Demonstrará uma grande infidelidade à tradição quem condenar a um imobilismo rígido os discípulos dos mestres de quem se elogia a originalidade revolucionária. Reciprocamente, as tentativas de renovação não terão valor a não ser que se enraizem na sabedoria do passado, pois a descoberta, como toda atividade humana, se insere em um processo histórico contínuo"<sup>51</sup>. 3) Função de ensinar a integrar, numa síntese viva, as aquisições do passado e as descobertas do presente; 4) Finalmente a de ensinar a lidar com a complexidade do "pluralismo cultural"<sup>52</sup>.

Inteiramente acorde com tais pontos de vista, Tristão defende a investigação especializada como **condição essencial** da universidade, apenas advertindo que a cultura geral é sua própria essência.

No ensaio que ora analisamos, Alceu, não se esquecendo de lembrar-nos os delicados problemas que envolvem todas as tipologias, arrisca-se a propor uma tipologia universitária. Fala de 3 tipos básicos de universidades:

a) a **universidade eclética**, marcada pela ausência de um laço substancial comum, com cursos coexistentes mas não conviventes, universidade esta herdada do pior liberalismo individualista. Nela grassa o **cientificismo**, com o predomínio das ciências naturais e conseqüente desprestígio das áreas articuladoras, como a Filosofia e a Teologia. É um modelo tipicamente "privatista", uma vez que defende um mínimo de intervenção estatal. Segundo Tristão, a universidade eclética é a mais

encontrável em nosso país, sobretudo considerando-se a estruturação política da mesma<sup>53</sup>.

b) **A universidade totalitária ou dirigida**, na qual a ciência se apresenta a serviço da política, sempre com predomínio das ciências sociais. São as instituições universitárias de tipo fascista, comunista, nazista ou neo-fascista. Ao invés do privatismo, o coletivismo de “formigueiro” que não respeita a Pessoa. “Quase uma espécie de militarização civil da mocidade”<sup>54</sup>. Fácil de ver-se que este tipo veio reagir ao individualismo eclético, apenas que cometendo — ainda segundo Alceu — o equívoco oposto.

c) **A universidade orgânica**, na qual se exprime o “humanismo universitário”, por ser o ideal de realização da personalidade humana como um todo, bem como o ideal de superação dos tipos anteriores. Nesta universidade encontramos a primazia hierárquica das “ciências culturais”, sem prejuízo da importância e da independência das ciências naturais e sociais. Bem como ali se deve evidenciar a preocupação com o bem comum sem descuidos em relação às exigências do bem próprio<sup>55</sup>.

Amoroso Lima estuda mais minuciosamente o conceito de **universidade orgânica**, atribuindo-lhe três sinais: o de **plenitude**, de **autonomia** e de **espiritualidade**. E no ensaio em estudo o autor os explicita melhor, dando à idéia de plenitude o sentido de formação do homem integral, utilizando-se a mais cuidadosa proporcionalidade entre os elementos de promoção da cultura geral e da especialização; ligando também a este conceito a necessidade do reencontro de uma hierarquia entre os graus do conhecimento que, embora independentes, não podem ocupar os mesmos lugares na escola do saber. Essa visão hierárquica evita os cismas, as divisões por disputa e as confusões — isto é: dá plenitude<sup>56</sup>. No que respeita à **autonomia**, o pensador pondera que a universidade não pode ser uma “repartição pública” como outras, no sentido de instrumento passivo nas mãos do Estado ou do Partido. Por outra parte, a universidade também não deve ser uma ilha isolada das demais instituições, voltada apenas sobre si mesma em um culto estéril da sofisticação intelectual; deve-se integrar à comunidade social maior, mantendo sua condição de entidade autônoma mas colaboradora. Eis porque autonomia não se confunde com isolacionismo, devendo ser cultural, política e econômica<sup>57</sup>.

Para Alceu, a **universidade orgânica** não pode dispensar a dimensão religiosa sem correr graves riscos. O sentido hierárquico que subordina a técnica à ciência, e esta à sabedoria: eis a essência do princípio de espiritualidade, que tem por objetivo fazer com que as técnicas, as ciências, as pesquisas e os estudos teóricos, sejam penetrados por um espírito comum de unidade e transcendência, que seja de fato o ponto

profundo que ata a multiplicidade dos cursos<sup>58</sup>. A espiritualidade não pode ser uma matéria a ser ensinada, mas um ideal global a ser vivido. E nem se trata de uma espiritualidade simples que pode existir até em atividades materialistas e pragmáticas; trata-se — no entender de Tristão — da espiritualidade propriamente “transcendente”, que exige o sentido da totalidade<sup>59</sup>. Alceu, em plena voga materialista do fim dos anos 50, advoga a favor de uma espiritualidade claramente **eclesiocêntrica**, **crístocêntrica** e **teocêntrica**<sup>60</sup>.

O pensador lembra o que Einstein disse, pouco antes de morrer: “Perfeição de meios e confusão de fins — eis, em minha opinião, o que caracteriza os novos tempos”. E adiante comenta: “O que desejamos, para a Universidade que denominamos orgânica, precisamente por assentar no equilíbrio das partes, é que desapareça a confusão dos fins, pela unidade espiritual, aperfeiçoando-se cada vez mais a aplicação dos meios, para que a personalidade humana atinja a plenitude de sua natureza”<sup>61</sup>.

Resta vermos as relações, estudadas por Alceu, entre o saber e o poder, a universidade e a política. De tal modo que a evolução do conceito de universidade, em seu pensamento, prosseguirá na seção seguinte deste capítulo.

### 3. UNIVERSIDADE E POLÍTICA

Se há algo que pouco satisfaz e deixa bem a desejar nos escritos de Amoroso Lima sobre o tema universitário, isto é a análise dos envoltimentos políticos da instituição em foco. Não que o pensador silencie a tal respeito, mas porque aborda a questão um tanto ao de leve, sem procurar por-se atento a todos os seus ângulos. No conjunto, os seus textos ainda parecem de certo modo presos ao “céu dos princípios gerais” e interessados mais no delineamento do perfil da universidade ideal, coisa que às vezes me parece um tanto distante da trama de vicissitudes vivida por um país invadido, dependente e mesmo amordaçado.

Mais uma vez, porém, será nosso dever procurar enxergar para além da impressão geral e primeira. Mais do que isto, será necessário contextualizar historicamente os escritos de Alceu, levando em conta a advertência com a qual Darcy Ribeiro abre o seu livro **A universidade necessária**: “A tarefa da renovação universitária é, talvez, o mais pungente desafio com que se defrontam os pensadores do mundo moderno. As questões que levanta não são apenas novas; eram simplesmente impensáveis há poucos anos atrás”<sup>62</sup>. Os diagnósticos sociológicos e as análises da ciência política que hoje esclarecem a questão da dominação do saber, que fazem cair a máscara da **modernização reflexa** da universidade, destituída de qualquer projeto que vise uma evolução nacional autônoma, tais diagnósticos e análises há poucos anos inexistiam. É o próprio Darcy

Ribeiro quem nos esclarece: “Enquanto a política modernizadora aspira só a reformar a universidade, de modo a torná-la mais eficiente no exercício de suas funções conservadoras dentro de sociedades dependentes e submetidas à espoliação neocolonial, a política autonomista pretende transfigurar a universidade como um passo no sentido da transformação da própria sociedade, a fim de permitir-lhe, em prazos previsíveis, evoluir da situação de **proletariado externo** — limitado a satisfazer condições de vida e de prosperidade de outras nações — à dignidade de povo para si, senhor do comando do seu destino e disposto a integrar-se na civilização emergente como nação autônoma”<sup>63</sup>. E a fase de **questionamento** da universidade, de que antes eu falava, corresponde exatamente à luta entre **consciências transformadoras** e **consciências reformistas**, no que, vindo da sociedade como um todo, diz respeito à realidade universitária.

Retornemos, todavia, a tempos anteriores para tomarmos conhecimento das reflexões de Amoroso Lima sobre as relações entre o saber e o poder. Voltemos ao ensaio dos anos 50, **O espírito universitário**, para que de lá possamos caminhar até o último escrito do pensador sobre o tema ( de 1983 ) e ver sua via de evolução até posições mais avançadas — ainda que Tristão já estivesse, na vizinhança dos 90 anos, distante das lutas universitárias.

Alceu principia por apontar o “espírito estritamente científico e profissional” como um dos perigos básicos para a vida universitária. Diz: “A infiltração das Universidades européias, a começar pela de Berlim, pelo espírito estritamente científico e profissional, com abandono das especulações ‘metafísicas’ como sendo fantasias nebulosas e anacrônicas, preparou realmente o homem moderno para tirar da confusão entre saber e poder, a sua conclusão clássica: que o **poder** substitui o saber ou pelo menos o subordina a si”<sup>64</sup>. A idéia de que **saber é poder** transtornou a universidade, invertendo o verdadeiro espírito universitário em favor dos “ideais” do totalitarismo<sup>65</sup>. Na visão de Amoroso Lima, o cientificismo entendido como uma das vertentes do antropocentrismo exacerbado, ao repudiar as especulações metafísicas articuladoras da nossa concepção global da realidade, dispôs-se como que a desmontar um relógio na alegação de querer ter dele uma **visão interior** e profunda. Súbito, a organicidade de uma cosmovisão desejosa do ângulo mais totalizante possível, viu-se reprimida por uma especializada e meticulosa visão fragmentária do mundo. Ora, procurar conhecer as partes, os fragmentos, dá ao ser humano uma sensação maior de poder de manipulação, pois o todo sempre se mostra indominável. Bertrand Russell comentava que o esforço de se conceber a totalidade deve ser chamado de **impulso-amor** ou **impulso de contemplação**, pois ele é puro amor da perplexidade ante a aventura do conhecer; mas que a aceitação do especialismo estéril e acrítico, deve ser chamada de **impulso-poder** ou **impulso de manipulação**,

de vez que ela deriva de um ato de capitulação ante a tarefa humana de conhecer o seu mundo sem destruí-lo<sup>66</sup>.

Na afinidade desta linha de pensamento, Alceu afirma: "Os medievais, criadores da Universidade, partiram do princípio certo de que **saber é saber**, isto é, o saber vale **por si**, independente do poder que a ele se sobreponha. Vieram os modernos, à cola de Bacon, e afirmaram que saber é poder, isto é, o saber vale pelo poder que dá ao homem. O resultado foi o desenvolvimento gradativo do culto à força, e o da educação como sendo o fundamento do Império, como o fez a 'Kulturkampf', de Bismark, que foi no século XIX o símbolo do homem de Estado que colocou a cultura a serviço da política. E, com isso, o II Reich preparava o III Reich, isto é, o saber a **serviço do poder**, de Bismark, vinha preparar o **poder separado do saber**, do III Reich de Hitler"<sup>67</sup>. No entender de Tristão fora a substituição da cultura pela força o elemento desencadeador das grandes catástrofes de 1914 e 1939; e isto de tal maneira veio a corromper o espírito universitário, que hoje o saber é vendido ao poder na própria prática cotidiana de muitas universidades.

Nos anos 50, era a partir de tais idéias que Amoroso Lima propunha que se fizesse uma reflexão mais demorada e minuciosa a respeito da relação entre o saber e o poder e, conseqüentemente, entre a universidade e a política. Tal reflexão de maior porte Alceu não chegou a deixar escrita embora, como me dissesse pessoalmente, fosse uma de suas grandes preocupações. Como já dissemos, veio logo um tempo no qual o imediatismo dos fatos políticos ( durante a trajetória da ditadura militar pós-64 ) o absorveu de modo quase total; quase que a cada dia o velho pensador era convocado para combater em frentes as mais inesperadas, realizando, sem parar, desde veementes denúncias jornalísticas até visitas a presos políticos e a religiosos abandonados pela própria hierarquia da Igreja à sua sorte, nos incômodos da repressão policial-militar. Essas coisas têm que consumir as energias de um homem idoso, e a mim elas parecem mais importantes do que qualquer reflexão universitária.

Em 1963, ao completar o pensador os seus 70 anos, a revista **A Ordem** publicou um número que comemorava o aniversário do seu líder<sup>68</sup>. Lê-se ali um artigo de João Camilo de Oliveira Torres, no qual o autor procura estabelecer **fases** para a trajetória do pensamento e da ação de Alceu. Oliveira Torres fala, até àquela época, em 3 fases: a) a **maurrasiana**, em que Amoroso Lima mostrou-se afinado com o autoritarismo político do pensador Charles Maurras. Era o gosto da razão e da ordem, a fascinação pela hierarquia e a autoridade. b) a **maritainiana**: "Maritain deu-lhe ensejo de realizar plenamente seu pensamento e forneceu-lhe os elementos para descobrir todas as dimensões de seu largo espírito, corrigindo erros e desvios de Maurras, não somente soluções objetivamente inadequadas, como, principalmente, um certo espírito de dureza metálica e desumanidade do velho provençal"<sup>69</sup>. Maritain mostra-lhe a

humanidade, convida-o a compreender melhor a democracia e a justiça social e deixar que se cumprisse a amplitude de seu espírito. Tudo isto dá origem à c) **fase solidarista**, período que está nomeado de forma talvez difusa, mas que constitui a clara escolha pelas trincheiras difíceis e perigosas da luta pela justiça e pela liberdade, em funda solidariedade à condição sofrida do ser humano<sup>70</sup>. Oliveira Torres parava por aí, em 1963, pois não podia imaginar que o período mais importante, para a realidade brasileira, como um todo, iniciar-se-ia no ano seguinte — no que diz respeito à caminhada de Amoroso Lima. E eu vou, autorizado pelo próprio Dr. Alceu, acrescentar à periodização proposta por Oliveira Torres uma outra e derradeira fase: d) a **socialista**, de um socialismo cristão iniciado nas encíclicas de João XXIII e desenvolvido pelo próprio pensador carioca em sua vasta vivência política.

Nas crônicas “Da elite à massa” e “Flor ou semente?”, que encontramos em **Pelo humanismo ameaçado**<sup>71</sup>, está o insistente e claro apelo a que se rompam as fronteiras entre elites e massas, como podemos ler no livro **Diálogo** sua opinião de que havia soado a hora da elitização das massas e da massificação das elites<sup>72</sup>. Um Alceu preocupado com estas coisas não poderia deixar de acrescentar algum elemento novo à sua idéia de universidade. Por esta razão vemo-lo escrever para o grande público, pouco mais de um mês antes de sua morte, o já citado artigo sobre a missão da universidade<sup>73</sup>, no qual coloca três “pilares ideológicos” que devem sustentar a instituição em foco: a **universalidade cultural**, a **especialização científica** e — um componente novo — a **participação social**. Os dois primeiros pilares constituem uma retomada. O terceiro, o da participação social, é visto como aquilo que representa a missão político-social da universidade; já não vê, o pensador, a universidade como propriamente formadora de elites, mas agora advoga que “a missão providencial da universidade é promover a continuidade essencial entre massas e elites. Trata-se de uma instituição, portanto, essencialmente aberta e não fechada, aglutinadora e não contraditora”. Como isto difere do tom elitista do discurso “Num pórtico de universidade”, dos anos 30!

Disse-me o Dr. Alceu, em conversa no ano de 1983: “Não sou do PT por um complexo de razões. Mas acho que um quase nonagenário da república dos bacharéis, quando vê um operário aceito como candidato ao Governo do Estado de São Paulo, já pode morrer mais esperançoso”.

Tendo vivido longa prática universitária, Amoroso Lima — na medida em que pôde — dedicou-se a refletir sobre o seu meio de trabalho. Procuramos compreender seus pontos de vista, tocando os pontos mais significativos da sua reflexão, buscando enxergar o movimento evolutivo das suas idéias, na esteira de uma opção religiosa que, em sua vida, foi definitiva. Alceu aceita ser a consequência de sua fé.

Não são poucos os que consideram Alceu, no que respeita à teoria da educação, um **utopista** em mau sentido. Um idealista de consciência ingênua. Já ouvi mesmo dizer-se, após todas as ressalvas à bela figura humana que o pensador foi, que o seu pensamento educacional padecia das alienações inevitáveis promovidas pela fé religiosa. Tais afirmações me remetem de volta à presença de Amoroso Lima, quando este dizia-me, para responder uma observação minha quanto ao seu idealismo: “Ora, o fácil é fácil. Difícil mesmo, só o difícil. E como cristão é que jamais eu poderia ficar aí correndo atrás de facilidades. Vejo que até agora tudo foi tentado, meu caro, menos o essencial”. Por ter ouvido coisas assim intrigantes, de parte do próprio pensador carioca, imagino muito mais que ele tenha sido um utopista no melhor sentido da palavra: aquele que tem o destemor de propor **o que ainda não teve lugar**, mas que nada garante que não teve e nem nunca terá. Mais uma vez volto a um escrito seu já comentado que afirma que o espírito estritamente científico e profissional (o que, portanto, não conta com a possibilidade dos impossíveis) constituiu-se numa cristalização ruim da realidade.

Em seu último escrito sobre a temática universitária, o pensador despede-se do seu público com um trecho digno da sua inteligência e da sua sensibilidade. Encerra o artigo com essas palavras: “Tanto sofremos hoje de isolamento dos princípios em face dos fatos, como vivemos demais asoberbados pela precipitação crescente dos fatos desligados dos princípios. Essa dissociação é um dos males capitais deste fim de século, que, junto à capacidade destruidora da tecnologia isolada da cultura geral é uma ameaça contínua e iminente de um eclipse total da civilização. Essa tríplice missão universitária, com seu espírito de generalização cultural, com seu espírito de aprofundamento científico e com seu espírito de conagração sociológico das massas e elites humanas representa a importância fundamental que a universidade bem organizada e bem aplicada pode representar nesta dramática mutação de séculos em que nos encontramos”<sup>74</sup>.

## NOTAS

(1) Luiz Antônio CUNHA, *A universidade temporã*, p. 177.

(2) *Ibidem*, pp. 177-179.

(3) *Ibidem*, pp. 181-184.

(4) *Ibidem*, pp. 188-191.

(5) *Ciência, universidade e ideologia*, p. 89.

(6) A. A. LIMA, *O espírito universitário*, p. 13.

(7) *A universidade crítica*, p. 47.

(8) pp. 191-195, 197-202 e 209-224.

(9) *A universidade temporã*, p. 205.

(10) Luiz Antônio CUNHA, *A universidade crítica*, p. 47.

(11) *Ibidem*, p. 46.

- (12) p. 9.
- (13) **Discurso de primavera e algumas sombras**, p. 42.
- (14) John Henry NEWMAN, nascido inglês, viveu de 1801 a 1890.
- (15) J. H. NEWMAN, **Origem e progresso das universidades**, p. 7.
- (16) *Ibidem*, pp. 9-10.
- (17) *Ibidem*, pp. 10-11.
- (18) Expressão de Newman, na obra citada, p. 18.
- (19) *Ibidem*, pp. 16-19.
- (20) *Ibidem*, capítulo V, *passim*.
- (21) J. H. NEWMAN, **Naturaleza y fin de la educación universitaria**, primeira parte de **Idea de una Universidad**, p. 302.
- (22) **Debates pedagógicos**, p. 10.
- (23) *Ibidem*, p. 10.
- (24) *Ibidem*, p. 12.
- (25) *Ibidem*, citado à p. 19.
- (26) *Ibidem*, pp. 45-46.
- (27) **A Ordem**, ano XIII, nº 28, junho de 1932, pp. 415-425.
- (28) *Ibidem*, p. 415.
- (29) *Ibidem*, p. 415.
- (30) É o caso dos artigos "Universidade ou poliversidade", e "Eclétismo universitário", constantes do livro **Humanismo pedagógico**, pp. 181-189.
- (31) *Ibidem*, p. 198.
- (32) *Ibidem*, "Discurso" ( 9 de fevereiro de 1938 ), pp. 206-207.
- (33) *Ibidem*, p. 200.
- (34) *Ibidem*, p. 200.
- (35) *Ibidem*, pp. 200-201.
- (36) *Ibidem*, p. 201.
- (37) *Ibidem*, p. 192.
- (38) *Ibidem*, pp. 193-194.
- (39) *Ibidem*, p. 194. ( Grifos meus ).
- (40) Entre nós editado pela Vozes, com o título **O lugar da Filosofia na universidade**, em 1969.
- (41) Alceu Amoroso LIMA, **O espírito universitário**, p. 14.
- (42) *Ibidem*, p. 17.
- (43) *Ibidem*, p. 15.
- (44) *Ibidem*, p. 16.
- (45) *Ibidem*, p. 16.
- (46) *Ibidem*, p. 18.
- (47) *Ibidem*, p. 17.
- (48) *Ibidem*, p. 17.
- (49) *Ibidem*, p. 18.
- (50) Jacques MARITAIN, **Rumos da educação**, p. 137.
- (51) D. H. SALMAN, **O lugar da filosofia na universidade**, p. 40.
- (52) *Ibidem*, pp. 39-43.
- (53) **O espírito universitário**, pp. 20-22.
- (54) *Ibidem*, p. 22.
- (55) *Ibidem*, p. 23-25.
- (56) *Ibidem*, pp. 26-27.
- (57) *Ibidem*, pp. 34-38.
- (58) *Ibidem*, p. 39.
- (59) *Ibidem*, pp. 39-40.
- (60) Conceitos aos quais dedica explicações às páginas 41, 42 e 43 do mesmo texto.
- (61) *Ibidem*, p. 50.
- (62) p. 11.

- (63) *Ibidem*, p. 26.
- (64) A. A. LIMA, *O espírito universitário*, p. 28.
- (65) *Ibidem*, p. 28.
- (66) Bertrand RUSSELL, *O panorama científico*, cap. XVII: "A ciência e os valores da vida", *passim*.
- (67) *O espírito universitário*, p. 28.
- (68) Centro Dom Vital, *A Ordem*, Vol. LXX, nº 2, 1963.
- (69) *Ibidem*, p. 28.
- (70) *Ibidem*, pp. 29-30.
- (71) pp. 249-251.
- (72) p. 73.
- (73) "A missão universitária", *Folha de São Paulo*, 8 de julho de 1983.
- (74) Artigo citado ( 8-7-1983 ).